

## A revelação na teoria mimética

Revelation in mimetic theory

Edevilson de Godoy\*

Recebido: 18/05/2020

Aprovado: 23/05/2020

### Resumo

O artigo, baseado na tese doutoral do autor (*A revelação na antropologia de René Girard: da mitologia à escatologia*, defendida em 2019 na PUC/SP), tem a teoria mimética, formulada por René Girard através do método histórico antropológico, como base de uma teoria geral do humano banhada cada vez mais pela esperança apocalíptica. O sagrado mistura-se com a evolução, a humanidade é filha da religião. Esse artigo apresenta a revelação divina segundo a teoria mimética, deslocando-se do sagrado violento arcaico à revelação judaico-cristã. Enfatiza a centralidade da paixão e ressurreição de Jesus como autocomunicação da face íntima de Deus e do homem. Por fim, abre-se à esperança escatológica em que se dará a realização plena da existência e a libertação do pecado mimético.

**Palavras-chave:** Teoria Mimética, René Girard, Sagrado Violento, Revelação, Cristologia, Escatologia.

### Abstrat

The article, based on the author's doctoral thesis (*The revelation in René Girard's anthropology: from mythology to eschatology*, defended in 2019 at PUC / SP), has the mimetic theory, formulated by René Girard through the anthropological historical method, as the basis of a general theory of the human bathed more and more by apocalyptic hope. The sacred mix with evolution, humanity is the daughter of religion. This article presents divine revelation according to mimetic theory, moving from the sacred archaic violent to Judeo-Christian revelation. It emphasizes the centrality of Jesus' passion and resurrection as self-communication of the intimate face of God and man. Finally, it opens up to the eschatological hope in which full realization of existence and liberation from mimetic sin will take place.

**Keywords:** Mimetic Theory, René Girard, Sacred Violent, Revelation, Christology, Eschatology.

*Nela estará o trono de Deus e do Cordeiro, e seus servos lhe prestarão culto; verão sua face, e seu nome estará sobre suas fronteiras. Já não haverá noite: ninguém mais precisará da luz da lâmpada, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e eles reinarão pelos séculos dos séculos. (Apocalipse 22,3-5).*

### Introdução

---

\* Edevilson de Godoy é doutor em teologia e ciência da religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professor no ITESP.

A teoria mimética<sup>1</sup> é resultado de *insights* decorrentes da cultura geral num arco histórico de aproximadamente 50 anos. Esta apresenta a religião como coluna dorsal do processo evolutivo, alfa e ômega da história. Nesse sentido, evolução se confunde com revelação. O método girardiano é histórico-antropológico em vista da elaboração de uma teoria geral da cultura.

A teoria mimética é resultado de pequenos e grandes apocalipses na vida do autor, desde a literatura, clássica greco-romana, a Sagrada Escritura e a modernidade, somos conduzidos à *encruzilhada apocalíptica*, no sentido cristão, como revelação definitiva da verdade sobre a natureza humana.

### **1. Desejo mimético: a estrutura antropológica fundamental**

Minha intuição acerca do desejo mimético e do sacrifício, e tudo isso, de certo modo, foi uma intuição súbita, um sobressalto, que me veio no fim dos anos cinquenta, reforçado no início dos anos sessenta, com alguns lampejos um pouco anteriores. Como uma percepção que de repente está aí, em bloco. Busquei, depois, explicá-la (GIRARD, 1991, p. 50)

O *start* da teoria mimética foi a publicação de *Mentira romântica e verdade Romanesca* (GIRARD, 2009). Nessa obra brota o primeiro *insight* do antropólogo a partir da literatura moderna, principalmente os autores romanescos (Cervantes, Stendhal, Flaubert, Proust e Dostoiévski). Aponta o caminho de conversão na obra dos romanescos que se desloca da visão autotélica, subjetiva e linear sobre a existência humana à compreensão dialética e triangular, descortinando uma ontologia absolutamente tocada pela alteridade. Desta forma, realiza a explícita denúncia das pautas fundamentais da modernidade ocidental alicerçada no individualismo subjetivista. Eis o primeiro grande apocalipse do autor: a descoberta do desejo mimético como conversão antropológica.

Dentre os *romanescos*, menção especial para o Russo, em que a revelação é antropológica, leva ao *cair em si*: tomada de consciência sobre o outro e sobre si mesmo. O pensador francês passeia pela obra de Dostoiévski com a agudez de crítico literário. Indica a conversão antropológica na obra do romancista, através do

---

<sup>1</sup> René Girard, criador da teoria mimética, nasceu em Avignon em 25 de dezembro de 1925, seu primeiro doutorado em 1947 foi em história na École Nationale des Chartes, Paris com a tese *A vida privada em Avignon na segunda metade do século XV*; doutorou-se novamente em 1950 na Indiana University - USA em que defende a *França na opinião dos norte-americanos, 1940-1943*. Desenvolveu sua carreira acadêmica nos Estados Unidos onde atuou como crítico literário em várias universidades. Em 2005 foi acolhido como *immortel dans l'académie française*, faleceu a Stanford em novembro de 2015, deixando aos pesquisadores girardianos o desafio de levar adiante a teoria mimética praticamente esparramada por todas as áreas das ciências humanas.

deslocamento da visão *romântica* para a *romanesca*. A redenção existencial inicia-se na aceitação dialética da própria história com serenidade, compaixão e esperança. Utiliza-se das metáforas do *inferno* e da *ressurreição* para descrever a conversão do russo. O ressentimento presente nas obras, espécie de revolta contra as contradições da Rússia, a modernidade ocidental e com seu pai serão superadas no encontro com o cristianismo onde nasce o novo homem.

Para Dostoiévski, criar a si próprio é matar o velho homem, prisioneiro de formas estéticas, psicológicas e espirituais que estreitam seu horizonte humano e autoral. A desordem, a ruína interior e até mesmo a cegueira refletidas pelo conjunto das primeiras obras oferecem um contraste intrigante com a lucidez dos escritos posteriores a *Humilhados e ofendidos* e, principalmente, com a visão genial e serena de: *Os irmãos Karamazov* (GIRARD, 2011A, p. 51).

Na maturidade o romancista atinge a compreensão dialética entre eu-tu, sujeito-modelo. Seu romance foi capaz de enxergar as contradições da modernidade niilista, subjetiva e individualista. A experiência cristã cria um novo homem. *Não é como uma criança que acredito no Cristo e o confesso. É por meio do crisol da dúvida que meu Hosana aconteceu* (GIRARD, 2011B, p. 150). O encontro com Cristo abre espaço para a superação do maniqueísmo sádico da juventude. As personagens revelam a superação de bons e ruins em si. Existe a condição humana dialética e porosamente tocada pelo bem e mal, amor e ódio, luzes e sombras. Portanto, o cristianismo o conduziu a uma nova compreensão da alteridade, superando o orgulho dissimulado que o fazia sentir-se superior e nutria neuroses. A conversão antropológica equivale à cristã. O encontro com Deus foi um novo nascimento para o escritor de Petersburgo, superação da velha visão romântica que se dá na descida aos infernos em *Humilhados e ofendidos* (1861) e a ressurreição em *Os irmãos Karamazov* (1880).

A condição humana é fundamentalmente mimética, ou seja, o desejo é imitativo. Diferente da linearidade ontológica moderna, assume a alteridade como base constitutiva do indivíduo. As estruturas íntimas do homem não são independentes ou autônomas, no sentido de construtor de si mesmo, mas nascem da imitação de um modelo. Os nossos desejos, utopias e projetos em todas as dimensões apresentam caráter imitativo. Alguém nos desperta o desejo de tornar-se, realizar sonhos. Olhar a vida desde a alteridade, pois a formação do ser resulta das interações intersubjetivas. O eu e a personalidade constituem-se na mediação altruística. Caminha na direção oposta ao Iluminismo que destaca a supremacia absoluta do sujeito individual na formação do ser. Já, na filosofia grega, Platão e Aristóteles externaram essa realidade antropológica,

todavia, não a defiram profundamente porque estavam atentos a outras questões filosóficas. Como dito, a *mãe* da teoria mimética foi a literatura moderna.

O desejo mimético<sup>2</sup> é a raiz antropológica fundamental organizadora das relações sociais, alfa do homem e da construção histórica. Todavia, não se trata de uma realidade romântica ou pacífica; muito pelo contrário, fluidez completa no drama dialético dos interesses, por isso, profundamente conflitiva. Por um lado, imitar um modelo é sedutor porque significa realização, poder, status. Contudo, aquele que possui o objeto desejado defende a exclusividade metafísica. O *fetice* das coisas está no ser único. Assim sendo, o modelo busca atraparalhar o admirador na conquista do seu desejo. Por outro lado, a imitação causa conflitos crescentes na comunidade. Provoca a eliminação das diferenças suscitando crises de identidade. O modelo busca de todas as formas manter as diferenças em relação ao sujeito que deseja ser como ele. Procura proibir a posse daquilo que lhe pertence e lhe faz ser diferente. Veja quem sou, admire-me! Mas não seja como eu, seja inferior! Desperta uma fascinante concorrência metafísica. Essa disputa conduz a comunidade à crise generalizada no chamado *todos contra todos*.

A revelação na antropologia mimética parte da estrutura íntima do homem: o desejo mimético, nele encontra-se as raízes do devir com suas luzes e sombras. A descoberta do sagrado e a construção social da religião são desdobramentos da natureza mimética. Nesse sentido, o desejo é o ponto central da ontologia e da sociologia que conduzirá ao *homo religiosus*. Portanto, a revelação na teoria mimética segue o caminho antropológico como realidade inerente à natureza humana.

## **2. A revelação do sagrado violento**

O segundo *insight* do pensador francês corresponde à publicação de *A violência e o sagrado* (GIRARD, 1990). Verifica-se um retorno histórico-cronológico à classicismo greco-romana, mitologias orientais, afros, guaranis; o antigo de maneira geral. Ao mesmo tempo, dialoga com a psicanálise, filósofos modernos, estruturalismo, materialismo histórico e outros saberes. Neste descreve melhor os desdobramentos da natureza mimética do homem; explica como as comunidades resolviam seus conflitos desde a pré-história. Assim sendo, descobre o mecanismo do bode expiatório, a

---

<sup>2</sup> *Mimesis* é um termo grego que significa imitação. Girard utiliza-se deste conceito para explicar a natureza humana e o processo evolutivo. Da *mimesis* nascem: cultura, linguagem, religião, leis e a própria sociedade.

passagem de *todos contra todos* para *todos contra um* no sacrifício expiatório que culmina na superação da crise comunitária e na restauração da paz social.

A potencialidade mimética da condição humana é, concomitantemente, força de vida, evolução, prosperidade e terreno fértil para o surgimento de crises avassaladoras que ameaçaram a existência da comunidade. A forma natural e inconsciente que os seres humanos resolveram suas crises nos primórdios foi pela transferência coletiva da violência sobre um alvo comum; arbitrariamente escolhido e condenado como culpado pelas mazelas sociais. Esse processo é definido pelo antropólogo de Avignon como mecanismo vitimário.

O sacrifício coletivo do bode expiatório apresenta impressionante poder terapêutico capaz de redimir a comunidade de suas contradições. A desunião geral provocada pela crise dos interesses que até então ameaçava o futuro do grupo é muito bem resolvida pelo sacrifício da vítima expiatória. O sacrifício atrai em si todas as desavenças, ódios e violências e os apaga com enorme eficácia. O ódio que causa forte unidade social é projetado de maneira legal sobre uma vítima escolhida.

O processo mimético é dissimulado, inconsciente. Os grupos hominídeos não agiram conscientemente, mas foi a forma natural encontrada no processo evolutivo para curar-se da violência. Entretanto, Girard prefere adotar o conceito *méconnaissance* para não se confundir com o inconsciente freudiano. Observa com ênfase o desconhecimento antropológico na perversidade do mecanismo expiatório.

A religião nasce na esfera comunitária com objetivo de curar ódios, violências e divisões. O sagrado mitológico ofereceu à humanidade redenção temporária de suas mazelas. Onde há conflitos aparentemente insolúveis a religião, enquanto, união da maioria contra um inimigo comum aparece para realizar o serviço sagrado de purificação, e, já na pré-história salvou-nos da autodestruição.

O bode expiatório que no início é o inimigo comum, maldito culpado por todos os males que assolam o grupo. No final torna-se herói idolatrado por ter sido capaz de pacificar a comunidade curando a todos do ódio e da violência. Segundo a teoria mimética, nos primórdios da história o sagrado foi criação social inconsciente capaz de absorver as impurezas. Os deuses primitivos são construções da violência coletiva para superar crises. O sagrado começa na humanidade como transcendência construída. Ao mesmo tempo, a humanidade é filha do sagrado no sentido desse a ter salvado de suas limitações incompreensíveis. Segundo essa teoria, sem a religião a hominização não seria possível.

Ressaltamos que para a teoria mimética o sagrado não é o santo ou místico, mas o violento necessário para a organização social; filho legítimo do ódio, da raiva e da inveja foi criado de forma arbitrária pelo mito, gerado nas entranhas da incapacidade de resolver fraquezas por um caminho de luz. Após o descarrego das angústias sobre o bode expiatório a comunidade sente paz, alegria, união e libertação. O sagrado é a idolatrização do culpado, os assassinos exaltam-no após a execução. O maldito torna-se bendito. O filósofo Michel Serres em seu discurso na cúpula do Institut de France em 15 de dezembro de 2005, ocasião da posse de Girard como *Immortel dans l'académie française* aponta a diferença entre o sagrado primitivo e o místico no sentido bíblico.

O santo se diferencia do sagrado. O sagrado mata, o santo pacifica. Não violenta, a santidade se afasta da inveja, dos ciúmes, das ambições, das grandezas [...]. O sacrifício destrói, a santidade cria. O sagrado une violência e mentira, assassinato e falsidade; seus deuses, modelados pelo coletivo em fúria, transpiram o fabricado. De forma inversa, o santo dá amor e verdade (GIRARD, 2011A, p. 72).

Segundo a teoria mimética, Deus seria uma invenção da humanidade? Seria uma criação da angústia, da culpa e da sede de imortalidade? Ou ainda, o desejo de encontrar a paz, o amor e o perdão?

O sagrado violento é a personificação da violência coletiva. Portanto, não é o Deus da Bíblia. *Os deuses arcaicos não são reais. Mas não são de forma alguma inventados. Eles são interpretação equivocada, porém inevitável, da nossa própria violência, por muito tempo indispensável para a humanidade* (GIRARD; GOUNELLE; HOUZIAUX, 2011, p. 73). Embora, o sagrado violento resulte do mimetismo nocivo foi uma primeira forma de revelação. O jeito possível da pré-história de experimentar o sagrado. Portanto, é real porque levou à transcendência. A teoria mimética não é uma apologia da violência ou do sacrifício, muito pelo contrário, trata-se de uma denúncia explícita do mesmo, no sentido de tomarmos consciência do homem que fomos, somos e poderemos nos tornar. Todavia, quer apenas indicar o sagrado arcaico como primeira experiência de revelação, sem negar sua perversidade. Também jamais compará-lo à revelação judaico cristã. Toda a obra de Girard busca descortinar esses mecanismos ocultos fabricantes de ídolos. Todavia, reconhece que assim os homens experimentaram uma paz e um amor intensos que transcendia seus horizontes. O sagrado violento não é Deus, mas pura ideologia opressora, pois sacrifício e violência são coisas humanas e não divinas. Contudo, os sentimentos provocados na comunidade são altamente

significativos a ponto de considerá-los uma espécie de revelação nos primórdios, absolutamente necessária para a evolução.

### **3. Judaísmo: a revelação do Deus das vítimas**

O terceiro *insight* da teoria mimética remete-nos aos estudos da Sagrada Escritura apresentado em *Coisas ocultas desde a fundação do mundo* (GIRARD, 2008). Constata, subitamente, que o Deus da Bíblia não é o sagrado violento. A transcendência é revelada e não construída pela violência de todos contra um. Além disso, o Deus judaico assume a causa da vítima e posiciona-se contra os perseguidores. A Bíblia contém uma novidade basilar em relação à tragédia grega e ao mitológico de forma geral, definindo-a como *revolução antropológica* em que a humanidade *abre os olhos* para iniciar o longo caminho de revelação do mecanismo vitimário.

Girard estuda a Bíblia como crítico literário com interesses antropológicos, não leva em conta questões exegéticas, arqueológicas ou assuntos do método histórico crítico. Interessa-lhe o enredo das narrativas com seus personagens e suas condutas. Analisa cuidadosamente várias histórias, como por exemplo: sacrifício de Isaac, a queda de Adão e Eva do paraíso, Abel e Caim, José e seus irmãos, as prostitutas de Salomão, o livro de Jó, os cânticos do servo sofredor de Isaías e a tradição profética. Em todas essas situações aplica sua teoria indicando a novidade central da Bíblia. No geral constata que o Deus judaico é defensor dos perseguidos, denuncia os perseguidores, exige perdão, amor, misericórdia e rejeita o sacrifício.

Para a teoria mimética coube ao texto bíblico descobrir o mecanismo do bode expiatório. Na Sagrada Escritura encontram-se várias situações de conflito social, violência comunitária e perseguição coletiva da vítima. O esquema vitimário dos mitos está presente; no entanto, a Bíblia narra a história desde a vítima oprimida e não a partir dos perseguidores como nas mitologias em que verdade do inocente era silenciada pela violência ideológica dos perseguidores. O sagrado violento persegue a vítima até a morte, depois esconde a verdade dos fatos, legitimando a ideologia mentirosa dos linchadores. O mito narra a história com base nos vencedores e condenando os vencidos.

O Deus judaico desmistifica as raízes da violência coletiva, dá voz à vítima silenciada e exige a conversão dos perseguidores. Para o avinhonense, isso é inédito na história das civilizações. Entretanto, ressalta tratar-se de um longo caminho apenas iniciado pelo judaísmo que atingirá sua realização plena na paixão e ressurreição de Cristo. Destaca ainda que, em várias situações, o texto bíblico retoma o sagrado

violento. Não propõe uma leitura idealizada do Livro, ao contrário, reconhece que nem sempre a Escritura judaica segue o caminho libertador. Consciente das projeções violentas, guerras religiosas, linguagem sanguinária com coberturas religiosas, condutas odiosas justificadas como sendo vontade de Deus. A tese da retribuição é o principal exemplo da permanência do velho esquema antropológico na Palavra de Deus. No geral deixa claro que o Primeiro Testamento não conclui o processo libertador, pois a violência religiosa permanece bastante ativa.

O sacrifício ritual continua vivo na Bíblia. O livro do Levítico dedica-se à sua organização social, litúrgica, moral e espiritual. Define com clareza as modalidades e maneiras para realizá-lo. A Bíblia Hebraica insere-o na esteira da expiação, rito para agradar a Deus, libertar-se do pecado através da matança de animais. O professor Girard entusiasma-se com a figura do bode Azazel do capítulo 16, colocado por Aarão diante de Iahweh em que a comunidade na presença do sumo sacerdote transfere suas impurezas sobre o animal que depois era abandonado no deserto com os pecados do povo. A mesma estratégia mitológica para livrar-se do mal pelo viés sacrificial permanece no judaísmo bíblico, não obstante seus avanços em relação ao primeiro período.

O livro de Jó é particularmente especial para o antropólogo franco-americano, a ponto de dedicar-lhe um livro intitulado *A rota antiga dos homens perversos* (GIRARD, 2009). Analisa de maneira cuidadosa o personagem expondo a presença do mecanismo vitimário na saga. O modelo admirado no prólogo torna-se na prosa bode expiatório condenado pela sociedade representada pelos amigos. Entretanto, a vítima não aceita a condenação, protesta e exige justiça; primeiro diante da sociedade e depois diante de Deus. Para teoria mimética, Jó é uma vítima rebelde e revolucionária que enfrenta seus algozes, não aceita a injustiça. O círculo mimético não se fecha neste caso, pois o bode expiatório prova sua inocência e acaba justificado por Deus.

Em linhas gerais a tradição profética representa um grande momento na desconstrução do sagrado violento. O profetismo anuncia uma nova religião fundada na justiça, no amor e na defesa dos direitos fundamentais da pessoa. Ainda que permaneça a linguagem violenta em várias situações, o Deus dos profetas exige justiça, ética e defende bodes expiatórios potenciais como: a viúva, o estrangeiro e o órfão.

Os cânticos do servo sofredor recebem uma atenção especial, pois revelam uma nova face de Deus. O sacrifício é coisa humana, mas o servo realiza um sacrifício novo, libertador e salvífico. Ele foi escolhido, capacitado e amado por Deus. Aceita na

liberdade e com amor realizar essa missão pelo bem de todos. A partir de *Coisas Ocultas* a teoria mimética aprofundará duas visões sobre sacrifício. A primeira, ritual, primitiva e opressora; a segunda, dom de si, entrega gratuita e generosa de si mesmo por amor. A última conduz à revelação da face íntima do Deus judaico-cristão.

Importante registrar que desde *Coisas ocultas* o autor assume cada vez mais a militância cristã. Na infância e juventude em Avignon recebera formação cristã; mas afastou-se durante décadas. A leitura antropológica da Bíblia foi decisiva para reconduzi-lo ao cristianismo e a eclesialidade da fé, posto que, retoma a participação nos sacramentos, especialmente a Eucaristia. Além disso, defende o cristianismo no âmbito acadêmico, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Fato que lhe custará intermináveis críticas do mundo intelectual.

Quanto a mim foi meu trabalho que me levou a minha conversão ao cristianismo. As duas coisas estão unidas e misturadas. Eu não falei nunca disso, porque me parecia difícil, constrangedor e perigoso demais para ser abordado, e certamente pode suscitar mal-entendidos. Mas é verdade. E aqui, eu me sinto em um ambiente que torna possível falar dessas coisas (ASSMAN, 1991, p. 46).

Por fim, outro fator importante foi a conversão apocalíptica colhida por seu pensamento a partir de *Coisas ocultas*. De fato, de agora em diante, sua obra torna-se cada vez mais banhada pela esperança escatológica, aprofundada nas últimas três décadas da sua existência.

#### **4. Jesus de Nazaré: revelação da face íntima de Deus e do homem**

Ainda em *Coisas ocultas* dedica-se ao estudo dos Evangelhos. Trabalha o evento histórico Jesus de Nazaré desde a encarnação do Logos em oposição a Heráclito, o reino de Deus, à paixão e ressurreição em que o velho mecanismo estruturante é plenamente escancarado. *Abrirei a boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo* (Mt 13, 35).

Jesus é o Logos eterno do Pai, segunda pessoa da trindade. Não é criação humana, não é resultado do embate dialético, mas revelação transcendental. Todavia, o autor aprofunda a temática do reino de Deus. Em 1991, foi a primeira vez que Girard veio ao Brasil para o Encontro com teólogos da libertação realizado na Metodista de Piracicaba, organizado por Hugo Assmann. Na ocasião Leonardo Boff chamou atenção sobre a importância de ressaltar o outro polo da condição humana, ou seja, a força do amor, da justiça e da vida presente na história. A civilização não é apenas imitação de rivalidades odiosas, existe luz, compaixão, misericórdia e compromisso com a justiça.

Na reflexão sobre o reino de Deus aparece de maneira clara esse outro polo denominado *mímesis boa* que conduz à vida e a salvação. A justiça do reino é a superação do velho mecanismo estruturante. Ao exigir perdão e amor até para os inimigos rompem-se as estratégias do mimetismo nocivo.

O discipulado é imitação do reino. Seguir Cristo significa entrar no caminho da imitação do mestre, modelo de vida e salvação. Contudo, o Filho de Deus, diferentemente da conduta conflitiva dos sujeitos e modelos humanos, deseja que o discípulo se aproxime cada vez mais de Si pela imitação. Não impõe barreiras ao discipulado imitador, mas, incentiva-o a entregar-se à imitação do reino, amá-lo e segui-lo até as últimas consequências. Portanto, existe uma *mímesis* da vida, caminho de amor, perdão, justiça e bondade; percorrido com liberdade e consciência. O mal não é projetado sobre ninguém, mas perdoado com misericórdia e amor.

O profeta revolucionário da Galileia dedicou-se integralmente à causa do reino. Projeto antropológico, social, espiritual e escatológico. Não se trata de uma pauta política, mas contém desdobramentos políticos inevitáveis. Contudo, sua realização definitiva dá-se no *escaton*. O profeta do reino era itinerante, percorria as cidades conversando com as pessoas sobre sua mensagem. O reino não pede ritual, apresenta um caminho libertador das estruturas opressoras. Seus protagonistas são os pobres, pecadores e oprimidos. Os grupos sociais propensos a cair na rota da condenação expiatória são acolhidos com amor. Jesus assume a defesa radical dos oprimidos e denuncia os opressores; fica sempre ao lado da vítima e contra os linchadores. Por exemplo: a mulher adúltera (Jo 8,1-11); o bom pastor (Lc 15, 1-7); o filho pródigo (Lc 15,11-32), a cura dos cegos (Mc 10,46-52; Jo 9,1-12) dentre outras perícopes, Jesus dá voz à vítima oprimida e desmascara os opressores decididos a despejar sua violência sobre os indefesos em nome da religião.

Na paixão, o profeta libertador de bodes expiatórios torna-se bode expiatório. Forma-se contra Jesus uma *multidão* que exige sua condenação. O velho mecanismo estruturante cai sobre o Filho de Deus feito homem. Novamente constata-se o: *todos contra um*. Caifás, sumo sacerdote, profetiza: *Um só homem morra pelo povo e não pereça a nação toda* (Jo 11,50). No interrogatório de Pilatos o povo grita: *Crucifica-o! Crucifica-o!* (Lc 23,11). Todas as estratégias do mecanismo vitimário estão presentes na paixão. Jesus tornou-se inegavelmente bode expiatório.

A teoria mimética aborda a paixão pelo viés antropológico. Jesus ao tornar-se bode expiatório descortina a iniquidade moral do mecanismo. A natureza divina revela a

radical não violência de Deus. No caso de Jesus há uma singularidade em relação aos milhares de condenados injustamente na história; trata-se do Verbo eterno do Pai feito homem. Diante da paixão Jesus comporta-se com *a inteligência da vítima*, isto é, com sabedoria e perdão, renuncia à vingança do ódio, ao ressentimento e à rivalidade. Não deseja morrer, mas enfrenta a morte de forma consciente no amor e na liberdade. Não imita o ódio de seus algozes, percorre o caminho do calvário sem mágoas ou ressentimentos. Decide pela entrega gratuita e generosa da própria vida por amor. Opta pela resistência pacífica e reveladora do amor.

A cruz é consequência das projeções humanas, não desejo do Deus Abbá. Pertence aos homens e não a Deus. A Trindade assumiu, no amor, aquilo que diz respeito à esfera terrena para *abrir os olhos dos homens* sobre as verdadeiras razões das perseguições e maldades da história. A teoria mimética penetra no mistério da paixão pelas categorias antropológicas em que a cruz é entendida como desdobramento do reino. A paixão é desejo dos homens e não de Deus. O Pai e o Espírito Santo estão indissolúvelmente unidos ao Filho diante do mal do mundo que humilhou o Amor encarnado.

Jesus conhece os sentimentos dos assassinos. Tem consciência da inconsciência dos linchadores. Sabe que agem pelo ódio do desejo secreto de matar. *Pai perdoa-lhes não sabem o que fazem* (Lc 23,34). Entretanto, o centro da paixão está no amor do bode expiatório homem divino. A salvação não está na violência horrorosa da cruz. Não é a tortura que nos salva. Mas o amor com que o Filho de Deus vive a tragédia. Esse grande amor descortina o velho mecanismo antropológico escondido na história desde a fundação do mundo. Revela a face íntima de Deus para o mundo e a face íntima do homem para o próprio homem. O centurião romano, responsável pela tropa que conduz o condenado ao Gólgota professou livremente no final dos trabalhos: *Verdadeiramente esse homem era mesmo o Filho de Deus* (Mc 15,39).

O crucificado, pela violência coletiva, ressuscita dos mortos por iniciativa divina, inaugura uma nova dimensão do existir. O ressuscitado é o novo Adão, o primeiro novo homem da nova criação não exposto a qualquer limitação terrena. A vitória sobre a morte não diz respeito à idolatria do sagrado violento em que a vítima é transformada em herói pelos próprios algozes. A ressurreição não é obra dos assassinos como nas religiões primitivas; trata-se de um evento trinitário, jamais provinda de uma construção humana. A ressurreição não é retorno à vida histórica, mas irrupção de um

novo jeito de existir, não mais exposto à finitude da natureza terrena. O ressuscitado encontra-se completamente livre dos limites da matéria, nunca mais morrerá.

A ressurreição de Jesus foi a evasão para um gênero de vida totalmente novo, para uma vida já não mais sujeita à lei do morrer e do transformar-se, mas situada para além disso, uma vida que inaugurou uma nova dimensão de ser homem. Por isso, a ressurreição de Jesus não é um acontecimento singular que possamos menosprezar e que pertença apenas ao passado, mas sim uma espécie de mutação decisiva. Na ressurreição de Jesus foi alcançada uma nova possibilidade de ser homem, uma possibilidade que interessa a todos e abre um futuro, um novo gênero de futuro para os homens (BENTO XVI, 2011, pp. 198-199).

Para a teoria mimética, o mistério da paixão e ressurreição é a novidade mais extraordinária da história, capaz de revelar a intimidade de Deus ao mundo e do homem ao próprio homem.

### **5. O apocalipse da história**

O apocalipse é último *insight* do autor, remate da teoria mimética, finalizada com a publicação de *Rematar Clausewitz: a arte da guerra* (GIRARD, 2007). A paixão e ressurreição descortinaram aquilo que na religião não pertence a Deus. Revelou a verdade interna das relações socioculturais e suas iniquidades. A cruz do Gólgota escancarou para o mundo a mentira do sistema mitológico e a ressurreição a derrotou completamente. No entanto, o mal do mimetismo nocivo continua ativo na história. Não obstante, o Jesus hebreu da Galileia, morto na cruz o tenha desmascarado, o cristianismo histórico recai constantemente. Insere-se na dialética da *mimesis* boa e da má, ou seja, no *já* e no *não ainda* do Reino.

A modernidade ocidental com suas bandeiras niilista, subjetivista e secularista nega o sagrado. O cristianismo já mostrou a verdade do bode expiatório, por isso, o sacrifício ritual não funciona com eficácia no ocultamento das mazelas. Entretanto, o moderno, de maneira geral, continua mimético e violento, deseja liberar-se de suas rivalidades. Cristo apresenta o reino de Deus para ser imitado, contudo, essa época histórica, salvo as exceções, não o aceita. Prefere permanecer no mimetismo nocivo. A religião mitológica se apresenta com novas roupagens, escondida em narrativas como democracia, autonomia do sujeito dentre outras. O capitalismo moderno fundamentado nos bens de produção e no consumo tornou-se uma fonte geradora de ódio e ressentimentos em todas as direções: ocidente-orientes, ricos-pobres, primeiro-terceiro mundo. Essa situação é lenha para o fogo dos fundamentalismos. A onipotência do

indivíduo apresentado como capaz de todas as soluções fracassou porque não dá conta de gerir seu próprio mimetismo agressivo. Segundo essa teoria mimética, a globalização focada no consumo e no individualismo representa uma ameaça planetária. O mundo perfeito construído pela razão é ilusão luciferiana. A natureza mimética está viva nas estruturas pessoais, sociais e institucionais. Isto significa que o homem por si mesmo não será capaz de vencer completamente algo que lhe é naturalmente inerente: o mal e o pecado, definidos aqui como mimetismo nocivo.

O apocalipse é a revelação do fim que abre as portas para o começo sem fim. Trata-se da consumação do reino de Deus e da realização definitiva do homem completamente livre da natureza mimética. Segundo essa teoria mimética, não há outra saída, ou imitamos os valores do reino ou caminhamos para o fim do mundo, eis a *encruzilhada apocalíptica*. Nesse sentido existe um apocalipse do mundo e outro da pessoa individual. No entanto, a existência acontece na dialética das *mímesis* (má e boa), encontra-se a caminho numa constante luta por dias melhores. Apesar disso, teremos que lidar até o fim com as sombras do mimetismo pecaminoso.

A escatologia é a esperança do mundo. Nela encontramos a libertação de qualquer violência e maldade. O homem novo nascerá no *eskaton* da história. A imaginação apocalíptica é o remate da teoria mimética como realização escatológica por obra de Deus. O homem redimido do pecado e das vicissitudes históricas, nascerá das mãos de Deus, na ressurreição da carne e não por méritos pessoais. O ômega da criação e da vida pessoal é a parusia.

### **Considerações finais**

Segundo a teoria mimética, a religião perpassa o processo evolutivo, deslocando-se do sagrado violento à revelação judaico-cristã, especificamente, a paixão e a ressurreição, abrindo-se ao futuro apocalíptico em que o homem alcançará a realização plena na consumação do reino.

De acordo com essa teoria, a humanidade é filha da religião desde sempre. Já na pré-história foi ela que redimiu as comunidades da própria violência. Ainda que de maneira contraditória, foi o jeito natural que os filhos de adão encontraram para resolver seus dramas. Sem a religião a hominização não se viabilizaria. O sagrado se confunde com as origens. O homem desde seu alfa é *religiosus*, uma dimensão impreterível do ser. A ontologia constrói-se na dialética imitativa das condutas agressivas (pecado) e libertadora (reino), isso de forma porosa, a exemplo, do joio e do trigo. Somente na

escatologia acontecerá a revelação definitiva por obra do amor de Deus como ômega existencial.

A teoria mimética segue o método histórico antropológico em vista da teoria geral da história com ênfase cada vez mais apocalíptica. Um pensamento banhado de esperança. O homem atravessa um perene caminho de conscientização sobre si mesmo no tripé passado, presente e futuro. No centro está Cristo que nos faz descobrir quem fomos nos primórdios, quem somos e quem poderemos ser na escatologia. Isso sem negar nossas responsabilidades históricas.

**Referências Bibliográficas:**

ASSMANN, H. *René Girard com teólogos da libertação: um diálogo sobre ídolos e sacrifícios*. Petrópolis: Vozes; Piracicaba: Unimep, 1991.

BENTO XVI. *Jesus de Nazaré II: da entrada de Jerusalém até a ressurreição*. São Paulo: Principia, 2011.

GIRARD, R. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra; Unesp, 1990.

GIRARD, R. *Coisas ocultas desde a fundação do mundo: a revelação destruidora do mecanismo vitimário*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GIRARD, R. *A rota antiga dos homens perversos*. São Paulo: Paulus, 2009.

GIRARD, R. *Mentira romântica e verdade Romanesca*. São Paulo: É Realizações, 2009.

GIRARD, R. *Dostoiévski: do duplo à unidade*. São Paulo: É Realizações, 2011A.

GIRARD, R. *A crítica do subsolo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011B.

GIRARD, R. *Aquele por quem o escândalo vem*. São Paulo: É Realizações, 2011C.